

SOCIOLOGIA DA IMAGEM, ARTES E INFÂNCIA

Coordenação: Marcia Aparecida Gobbi

Instituição: Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação

O grupo de estudos e pesquisa Sociologia da Imagem, artes e infância é composto por estudantes de graduação e pós-graduação. Existente desde 2008 vem desenvolvendo pesquisas cujo fundamento tem sido as questões que partem de compreensões sobre a infância como histórica e socialmente situada, procura abordar a criação de desenhos, como manifestação expressiva e fonte documental de meninos e meninas, infelizmente ainda desconhecidas para além de concepções maturacionistas. Vistos como artefatos culturais ensejam formas diferenciadas de entendimento e pesquisa por parte de quem os vê. A fotografia vem sendo pesquisada mais recentemente e no desenvolvimento da pesquisa Tod@s da foto, já finalizado e coordenado pela Profª Drª Daniela Finco da UNIFESP, edital CNPq e em desenvolvimento na pesquisa Olhar sobre a cidade: fotografia e desenho na construção de imagens sobre São Paulo a partir de crianças das escolas municipais de educação infantil, edital Ciências Humanas - CNPq, coordenado pela Profª Drª Marcia Aparecida Gobbi, líder do grupo ora apresentado.

O trabalho apresentado por Nailze Neves Figueiredo **Os desenhos infantis no Parque Ibirapuera** corresponde à sua iniciação científica. O objetivo da pesquisa partiu da pergunta: como crianças em diferentes idades e frequentadoras do Parque Ibirapuera representam esse parque que se constitui como o mais frequentado e conhecido da cidade de São Paulo. Trata-se de pesquisa de inspiração etnográfica em que a pesquisadora tornou-se também frequentadora desse parque aos finais de semana, momento em que temos maior frequência de meninos e meninas, possibilitando assim a elaboração de desenhos em meio as brincadeiras e cuidados familiares. A pesquisadora procurou estabelecer vínculos com as crianças proporcionando assim que as mesmas desenhassem. Coletados os desenhos, nem sempre representações do Parque, procurou analisá-los tendo como ponto de partida a afirmação de que os desenhos são fontes documentais e artefatos culturais criados na infância, pelas crianças.

A pesquisa de mestrado, ainda em andamento, apresentada por Ana Carolina Farias **Espelho ou reflexo: a representação de negras e negros nos desenhos das crianças na Educação Infantil em São Paulo** tem como objetivo algo ainda pouco estudado: como as crianças têm representado negros e negras em seus desenhos. Há uma pergunta cuja audição deu o tom da pesquisa: as crianças ainda solicitam o chamado lápis cor de pele às suas professoras ao desenharem pessoas e colorirem suas peles? Qual a cor usada e aceita socialmente? Essa pesquisa tem se desenvolvido em EMEI situada no Centro de Educação Unificado Jaguaré, da cidade de São Paulo. Em suas referências teóricas para compreensão dos desenhos, tem procurado aliar estudos oriundos da Sociologia da Infância na intersecção com aqueles produzidos na Sociologia da Imagem, em que o desenho infantil passa a ser compreendido como artefato cultural elaborado na infância.

OS DESENHOS INFANTIS NO PARQUE IBIRAPUERA

Nailze Neves Figueiredo

A presente pesquisa, realizada no âmbito do Grupo de Estudos *Sociologia da imagem, artes e infâncias*, teve como objetivo investigar como as crianças em idades variadas manifestam, através do desenho, seus modos de ver e representar o espaço urbano, mais especificamente o Parque Ibirapuera, localizado na cidade de São Paulo. A escolha deste local deve-se ao fato de que atualmente, de acordo com a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente da cidade de São Paulo, ele é o parque mais frequentado e com o maior número de atrações. Buscou-se conhecer, a partir de meninas e meninos, como estão se relacionando e construindo este lugar, como este espaço da cidade, destinado ao chamado lazer e cultura, está sendo apropriado e usufruído pelas crianças, que se relacionam sem aparente distinção de classe social, etnia, raça ou gênero. Essa abordagem está baseada na perspectiva da Sociologia da Infância (CORSARO, 2011), em que a criança é reconhecida como ator social, que interage, apropria e recria cultura, bem como o espaço onde esta inserida. Espaço este, muitas vezes não pensado e nem destinado a ela. Seguindo esta concepção de infância, foi utilizada uma metodologia que incluísse as perspectivas das crianças e que garantisse sua participação na pesquisa. Para tal, foi realizado o procedimento de recolha de desenhos feitos pelas crianças no parque. Às crianças que aceitaram participar da pesquisa, foi pedido para que desenhassem o Parque Ibirapuera ou o que mais gostam naquele lugar. O desenho considerado uma significativa forma de expressão infantil e neste contexto concebido como um artefato cultural, que permite conhecer um pouco mais sobre os diferentes aspectos das culturas infantis e sobre as crianças frequentadoras daquele espaço, foi utilizado como instrumento de pesquisa que possibilitou interpretações sobre o universo infantil, o espaço do desenho e a percepção do parque pelas crianças que ali frequentam. As possíveis leituras dos desenhos foram embasadas na Sociologia da Imagem e nas concepções de desenhos defendidas principalmente por Gobbi (2009), Staccioli (2011) e Derdyk (2003). Também fez parte da metodologia um exercício etnográfico para observações e proposições sobre o parque, a partir da abordagem da Antropologia Urbana (MAGNANI, 2002). Deste modo, a partir dos desenhos recolhidos, foi possível perceber que as crianças optaram por registrar brincadeiras e os brinquedos do espaço projetado para elas: o parquinho, sinalizando a importância de espaços pensados para as crianças. Os desenhos infantis também mostraram traços construídos culturalmente e a influência que pode ter a família e a escola na relação da criança com este tipo de linguagem. Lembrando que os desenhos não são concebidos como cópias do real, mas sim como representações do real e que as possibilidades de interpretações dos mesmos são infinitas e o que se apresenta nesta pesquisa são algumas percepções sobre estes desenhos e estas crianças, mesmo assim destaca-se a importância de estar disposto a ver e perceber as diversas linguagens da infância. Os desenhos infantis ao sinalizarem a importância do espaço planejado para as crianças nos faz refletir sobre quantos mais destes espaços existem na cidade e sobre os espaços públicos serem também lugares de crianças, de convivência entre todas as pessoas.

Palavras-chave: desenho, infância, Parque Ibirapuera.

ESPELHO OU REFLEXO: A REPRESENTAÇÃO DE NEGRAS E NEGROS NOS DESENHOS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM SÃO PAULO

Ana Carolina Batista de Almeida Farias

O trabalho pretende fazer um relato prévio da pesquisa de mestrado em desenvolvimento na intersecção entre as áreas da Sociologia da infância e Sociologia da Imagem. A pesquisa tem como foco a representação desenhos sobre negras e negros das crianças entre 4 e 5 anos de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) no Centro de Educação Unificada (CEU) Jaguaré, escola pública na periferia de São Paulo.

A metodologia de pesquisa utilizada será inspirada na etnografia, o que propicia um trabalho de campo que permite investigar com maior profundidade com as crianças: quais são as representações da realidade possíveis através dos desenhos? Qual é a relação que as crianças possuem com o desenho e com o ato de desenhar? Como as possíveis representações do racismo aparecem nos artefatos culturais (desenhos)? Essas são questões que o trabalho de campo busca entender.

Algumas questões são investigadas ao longo do processo, como os espaços garantidos pela professora que conduz as atividades na turma pesquisada. Esses espaços garantidos dizem respeito a inserção de várias referências que a professora leva da cultura afro-brasileira para as crianças, como catálogos de arte africana, histórias de contos afro-brasileiros, obras de arte, fotografias, entre tantas outras importantes referências para que haja a diversidade necessária de referências importantes para que a questão seja trabalhada desde a infância como parte integrante do currículo (mesmo que no caso dessa turma faça parte apenas em uma ação isolada em relação a unidade escolar como um todo).

Estudar o desenho infantil é um exercício de reconhecimento individual e social da expressão infantil, uma vez que o mesmo é sem dúvida é influenciado pelo seu contexto, local de nascimento, bairro, cidade, família, sexo, cor da pele, contém uma porção de individualidade que o torna único. A todo o momento, um exercício de tolerância a frustração, uma vez que nem todos os desenhos serão “decifráveis” aos olhos adultos.

Os desenhos infantis são uma das várias linguagens das infâncias e traz consigo representações da realidade, porém, não a realidade em si, mas a percepção de como as crianças entendem diversas relações sociais nas quais estão inseridas. A conjugação da fala das crianças sobre os mesmos desenhos podem indicar pontos importantes para entender este artefato, uma vez que o desenho é um a síntese de um processo que envolve um esquema complexo de operações entre cérebro, olhos, mão e abstração das situações vividas e que serão representadas no papel.

O referencial teórico possui contributos da Sociologia da infância que traz importantes reflexões sobre a criança como categoria geracional e de como dentro dessa categoria outros indicativos sociais como classe social, gênero, etnia são compreendidos na infância. Segundo Nascimento (2011):

(...) A infância como categoria na estrutura social e defende que a categoria geracional é aquela que define o lugar ocupado pela infância na sociedade, portanto, o elemento que fundamenta o campo da sociologia da infância. Dessa forma, admite as outras categorias clássicas de análise no campo das ciências sociais (classe social, gênero e etnia) como categorias complementares à geração.

Palavras - chave: Educação Infantil, Desenho, Racismo.